

**PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA EM PIRENÓPOLIS (GO): UMA  
ANÁLISE SOBRE O PERFIL DE CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E  
COMPORTAMENTO RESPONSÁVEL**

**Recebido em:** 17/08/2016

**Aceito em:** 05/03/2017

*Humberto Luís de Deus Inácio*  
Universidade Federal de Goiás  
Goiânia – GO – Brasil

*Vinicius Duarte Ferreira*  
Instituto Federal de Goiás  
Goiânia – GO – Brasil

**RESUMO:** Nesse estudo apresentamos uma análise sobre o perfil de consciência ambiental e comportamento responsável das praticantes de atividades de aventura no município de Pirenópolis-GO. Adotamos uma perspectiva preocupada em compreender as articulações existentes entre a escolha por esta modalidade de atividade física e o nível de consciência ambiental que estas pessoas exercem durante o período que permanecem junto à natureza. Para tanto, realizamos a aplicação de uma Escala de Comportamento Responsável por meio de questionários impressos. O resultado evidenciou que a escolha por esta modalidade de prática corporal não se alinha, necessariamente, a uma postura política e de participação democrática em relação à conservação do meio ambiente. Por outro lado, foi possível perceber uma inclinação de comportamento sensível às questões ambientais e de atuação social em prol da preservação da natureza.

**PALAVRAS CHAVE:** Comportamento. Atividades de Lazer. Atividade Motora.

**ADVENTURES'S BODILY PRACTICES IN PIRENÓPOLIS (GO): AN  
ANALYSIS OF THE ENVIRONMENTAL AWARENESS PROFILE AND  
RESPOSAIBLE BEHAVIOR**

**ABSTRACT:** In this study we present an analysis of the profile of environmental awareness and responsible behavior of practitioners of adventure activities in the Pirenópolis-GO city. We adopt a perspective concerned in understanding the existing links between the choice for this type of physical activity and the level of environmental awareness that these people perform during the period that they remain close to nature. Therefore, we had to apply a responsible behavior scale through printed questionnaires. The result showed that the choice of this type of body practice does not align necessarily to political stance and democratic participation in relation to environmental conservation. On the other hand, it was possible to realize a sensitive behavioral inclination to environmental issues and social activities for the preservation of nature.

**KEYWORDS:** Behavior. Leisure Activities. Motor Activity.

## **Introdução**

A temática que apresentamos neste texto condensa inquietações que nos levaram a pesquisar temáticas relativas ao impacto do consumismo cotidiano de pessoas que participam de práticas corporais, em especial, as de lazer na natureza. Daí, nosso objetivo foi de identificar e compreender o perfil de comportamento responsável<sup>1</sup> e consciência<sup>2</sup> nas práticas corporais de aventura na natureza que se desenvolvem no município de Pirenópolis-GO.

Apesar de nosso recorte estar centrado no município de Pirenópolis-GO, acreditamos que é possível inferir que os dados coletados e a análise desenvolvida em nossa pesquisa possam fazer-se presentes em outras regiões do estado de Goiás, ou até mesmo do território brasileiro.

Basta abrirmos os jornais, ou assistirmos um noticiário para percebermos que as temáticas relacionadas ao meio ambiente e os padrões de consumo e comportamento estão na ordem do dia. É comum encontramos pessoas que afirmam ser a vida em grandes centros urbanos um difícil dilema, com profundos impactos nas dinâmicas de lazer e bem estar comum.

---

<sup>1</sup> O termo comportamento responsável se relaciona ao desenvolvimento de uma consciência de mundo alinhada com os debates que defendem a preservação ambiental e é crítico em relação às práticas e ações que são contrárias a isso. Nesse sentido, a cultura consumista constitui o eixo central em oposição a esta postura social.

<sup>2</sup> Compreendemos que o conceito de consciência está ligado à experiência crítica em relação ao mundo e à vida em sim. O termo experiência, por sua vez, se identifica com o desenvolvimento de uma consciência fundada na interação real que existe entre o sujeito e o mundo circundante, em toda objetividade e independentemente das suas relações, ligações e propriedades. Assim, buscamos analisar a experiência particular/coletiva considerando que, na consciência, a imagem do mundo não se confunde com aquilo que o sujeito vive (LEONTIEV, 1978).

Sabe-se que, em grande parte dos casos, são problemas sérios originados de um processo de urbanização equivocado. Nesse sentido, como pesquisadores, temos o dever de permanecer atentos aos processos ideológicos que operam em nosso cotidiano.

Desse ponto, reiteramos que a nossa problemática surgiu da necessidade de compreender o perfil de comportamento e consciência ambientais de praticantes de manifestações da cultura corporal de movimentos (COLETIVO DE AUTORES, 1992), especificamente aquelas que se dão na natureza. Em outras palavras, buscamos compreender como a nossa sociedade reage aos processos de intensificação do consumo e da urbanização, tendo em vista que isto incide nas dinâmicas de lazer e no comportamento coletivo.

Esse movimento ocorre num período em que se questiona o paradigma da modernidade: que a razão técnico-científica seria capaz de fornecer todas as respostas necessárias ao bem estar da civilização humana. Existem contrapontos relacionados às formas de convívio humano que inspiram contra argumentações críticas a este modelo de racionalidade. Diante disso, determinados padrões de comportamento e consciência de mundo passam a emergir em contextos específicos, com amplas possibilidades de tornarem-se mais críticos.

Embora possamos indicar tal possibilidade, não avançamos a ponto de considerar que o objeto escolhido alcance tal dimensão transformadora. Não obstante, as práticas corporais de aventura na natureza representam um espaço de possibilidades para o desenvolvimento de manifestações corporais que podem contribuir para o bem estar comum, pautadas numa base conceitual crítica dentro do campo da Educação Física.

Em nossa pesquisa encontramos diversos termos associados aos praticantes de aventura na natureza. Devido aos impasses conceituais que se estabeleceram, adotamos

o termo "aventureiro(s)" para designar aquelas pessoas que optam pelo desenvolvimento de práticas corporais em ambientes naturais. Dessa forma, não se deve compreender vagamente esta ideia ao longo deste texto. Os aventureiros que destacamos são pessoas que se preparam e/ou se identificam com atividades específicas, muitas vezes com objetivos definidos e metas a serem alcançadas.

Para tanto, realizamos uma pesquisa de campo em Pirenópolis-GO, aplicando 34 questionários a pessoas que procuram o ambiente natural desta cidade para práticas de lazer, em especial, aquelas desenvolvidas com bicicletas.

Utilizamos a "Escala de Avaliação do Comportamento Responsável", adaptada de Inácio; Baena (2013). Em linhas gerais, esse modelo de escala propõe captar as impressões e relações subjetivas que o indivíduo desenvolve a partir da reflexão sobre suas ações, comportamento e consciência, relativos ao meio ambiente e à vida em sociedade.

No entanto, houve dificuldades durante este processo, uma vez que, geralmente, as pessoas estão com pressa para ir direto à prática ou estão exaustas quando retornam. Apesar de termos adaptado o questionário tornando-o fácil de ser respondido, não poderíamos restringi-lo demasiado, sob a pena de perdemos a validade do mesmo.

O uso desta ferramenta de coleta de dados nos permitiu traçar um panorama sobre o comportamento e a consciência dos participantes. Não objetivamos ampliar o foco de observação sobre todas as dimensões da vida dos sujeitos entrevistados, mas, antes disso, estabelecer o diálogo com a realidade empírica durante as práticas de aventura. Isso nos levou a perceber os significados que determinadas atitudes coletivas possuem no cotidiano de suas relações com a cultura corporal. Dessa forma, a investigação sobre o cotidiano aparece por meio da observação direta do campo que

escolhemos, das relações que estabelecemos com os entrevistados e dos dados que levantamos por meio dos questionários.

A realização desta pesquisa acabou nos mostrando que os questionários, mais do que indicativos individuais, representavam um caminho para compreendermos a formação dos modos de vida, bem como as transformações sociais incidem no universo simbólico em âmbito coletivo.

Na primeira parte deste artigo apresentamos nossa problemática de pesquisa à luz da base teórica que optamos. Discutimos, ainda, como certas disputas no campo do conhecimento em Educação Física permeiam nossa compreensão a respeito da cultura e das práticas corporais.

Em seguida, discutimos as formas como determinadas conceituações de cultura corporal incidem em nossos padrões de comportamento e consciência quando relacionados com as práticas corporais de aventura e o meio ambiente e, em seguida, analisamos nossa problemática tendo como fio condutor a pesquisa de campo.

Nas considerações finais, pontuamos certos temas que foram tomando forma durante a realização deste trabalho e que não puderam desfrutar de uma análise mais aprofundada, porém são indispensáveis para finalizarmos nossa análise.

### **Sobre as Práticas Corporais: Percorrendo uma Trajetória de Legitimação Social**

Dentre as abordagens que encontramos em nossa pesquisa, a definição de práticas corporais vem encontrando olhares convergentes no sentido de ampliar a investigação acadêmica. Elas correspondem a toda forma de expressão humana que compõe nossa cultura corporal, constituinte e constituidora da experiência de formação individual e/ou coletiva (SILVA & DAMIANI, 2005). No que tange ao espaço de

atuação da Educação Física, existem determinadas práticas corporais que ganharam notoriedade ao longo do tempo. Estas passaram a ocupar espaços privilegiados no seio da sociedade. De modo geral, isso significa que elas estão associadas ao cotidiano de um povo, em sua maneira de conhecer, experimentar movimentos e de cuidados com o corpo.

O conceito de prática corporal, portanto, vem sendo definido a partir de diversas abordagens do campo da Antropologia, Psicologia, Educação Física, Sociologia, dentre outros. Elabora-se a partir uma estrutura argumentativa que sinaliza aspectos de aproximação com o conceito de manifestação cultural, compreensão sobre o fenômeno da urbanização, interseções práticas e conceituais entre cultura holística e cientificismo, e ampliação de estudos sobre sensibilidade e estética como forma de promoção do bem estar (FALCÃO & SARAIVA, 2009). Corroboramos com essa forma de percepção sobre a base epistemológica desse conceito, bem como do posicionamento desse tipo de abordagem, ao aproximar corporalidade humana, cultura e experiência:

As práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, no plano corporal, constituindo-se em manifestações culturais de caráter lúdico [...], e, em geral, ocorrem no tempo livre ou disponível. São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal que, por vezes, escapam às possibilidades de racionalização, o que lhes permite interessantes possibilidades (SILVA; LAZZAROTTI Fo.; ANTUNES, 2014, p.526). Constituem o acervo daquilo que vem sendo chamado de Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento. Essas manifestações que se expressam corporalmente são constituintes da corporalidade humana e algumas delas podem e vêm sendo tematizadas como conteúdos da disciplina curricular obrigatória Educação Física,

assim como vêm se constituindo como objetos de pesquisa pelo campo acadêmico da Educação Física e das Ciências do Esporte (FALCÃO; SARAIVA, 2009, p.20).

Como se percebe, o conceito de prática corporal não possui sua centralidade no âmbito da atividade física em si, mas sim nas dimensões sociais, culturais e históricas que as constituem. Nossa problemática se estabelece num recorte sociocomportamental no universo das práticas corporais e da cultura.

Por sua vez, as práticas corporais de aventura [na natureza] - as quais identificaremos doravante como 'PCANs' (INÁCIO, 2014), englobam as abordagens que se desenvolvem na relação direta entre a cultura corporal e o meio natural. Entretanto, a tensão provocada na cultura humana pelo choque entre a alta tecnificação do cotidiano, a ausência de relações éticas nos procedimentos de implementação da ciência e as formas de compreender o corpo, são elementos analíticos de ordem primordial ao refletirmos sobre comportamento, prática corporal e natureza.

Nesse sentido, optamos em trabalhar com dois focos de observação que devem ser elucidados: com um olhar, tratamos de movimentos corporais produzidos em determinadas situações com finalidades peculiares, mas que objetivam o bem estar da(s) pessoa(s). De outro modo, tais práticas corporais são delimitadas por um tipo de comportamento e de decisão prévia, consciente ou não, que partem de um referencial social comum e reproduzem e/ou recriam práticas corporais associadas ao meio ambiente e à natureza.

A concepção de PCANs está entranhada nesse contexto de avanços e diálogos entre diferentes formas de compreender a nossa cultura corporal e a sociedade em que vivemos. Nossa maneira de lidar com o mundo e as transformações que operam na

sociedade, se relaciona diretamente com o modo como tratamos nosso corpo. Ou como diz Inácio (2014, p.533-34), sobre as PCANs:

Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por uma busca do (re) estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como a cooperação e a solidariedade.

No contexto da sociedade capitalista, as dinâmicas da tecnocracia operam em todos os sentidos da vida, inclusive em nossa cultura corporal (FALCÃO; SARAIVA, 2009). Em diversas práticas corporais, sobretudo nos esportes, têm prevalecido formas de organização que condizem aos valores da cultura capitalista: disputa, consumo, metas majoritariamente unilaterais, ausência de consciência crítica, desigualdade.

Partimos desta premissa para nossas análises sobre as PCANs, definimos nosso campo de observação, bem como os limites dessa abordagem.

Como pontuamos, é preciso considerar o debate existente entre o esporte e as demais práticas corporais. A ambiguidade discursiva inerente a tais concepções constitui um dos pontos de partida dessa pesquisa. Identificamos a existência de uma tendência relacionada à esportivização das práticas corporais realizadas na natureza, tal como campeonatos de ciclismo, de surfe, de corrida, dentre outros. Isso significa que a cultura corporal é dinâmica e estabelece relações de apropriação e recriação de acordo com as perspectivas dos sujeitos sociais que as praticam (PIMENTEL, 2013).

O conceito de esporte, do ponto de vista acadêmico, possui diferentes formas de tratamento. De um lado, existem correntes tradicionais que se preocupam em definir o esporte pelo viés competitivo, que pressupõe regras e constituição de federações nacionais e internacionais. De outro, encontramos autores que problematizaram a ideia de esporte ao aproximá-la dos estudos culturais e do reconhecimento do papel social do

mesmo. Desse modo, a concepção de esporte se aproxima a princípios de sociabilidade e igualdade, perdendo seu foco nas competições e no rendimento (DAÓLIO, 1994).

Esse debate sobre a legitimidade de uma ou outra situação é pertinente, também, às PCANs. Do ponto de vista da construção de valor a partir do esporte de alto rendimento, a destituição de significados associados às práticas corporais de lazer é tratada da mesma forma, independente se ocorrem na natureza ou não. Para os defensores do esporte tradicional, o alto rendimento e a competitividade são invioláveis. Independente a essa realidade, as PCANs vêm construindo caminhos próprios, organizando suas formas de se legitimar perante a sociedade; e não há dúvidas que isso vem crescendo no Brasil (INÁCIO; MORAES & SILVEIRA, 2013).

Em termos de abordagem, portanto, os estudos referentes às práticas corporais de aventura estão preocupados com a maneira como as pessoas estão se apropriando da cultura corporal e procurando desenvolver suas habilidades em meio à natureza. Dessa forma, a centralidade dessa interpretação está na relação estabelecida entre o movimento corporal e a natureza, de maneira indissociável.

Dias, Melo e Junior (2007) apresentam um estudo referente à apropriação das formas de organização do esporte por clubes e associações de determinadas práticas corporais no contexto da modernidade, sobretudo durante o século XIX. De acordo com os autores, algumas atividades reconhecidas como esportes na natureza se inserem num conjunto de mudança de comportamento cultural associadas às transformações de um modo de vida que se configurou nas cidades durante a modernidade e que, paulatinamente, acumularam críticas com relação aos espaços de sociabilidade. Como resultante desse processo, ocorreu a formação de parques urbanos e regionais, bem

como a organização de clubes e associações coletivas em busca de espaços naturais para a prática de diversas modalidades de práticas corporais:

No contexto da modernidade, os sentidos e os valores construídos em relação ao “meio ambiente” se desdobram em um conjunto de modelos de apreciação paisagística, uma nova maneira de conceber, de apreciar e de se relacionar com as “paisagens naturais”, que por sua vez incidem e se materializam numa série de práticas sociais, incluindo a popularização do hábito de se buscar meios “naturais” para as atividades de lazer, entre as quais as práticas esportivas. Nesse sentido, existe uma forte relação entre o surgimento desse novo sistema de representações coletivas e os primórdios dos esportes na natureza, mais particularmente com o desenvolvimento histórico e institucional do montanhismo, inegavelmente o grande precursor desses costumes esportivos (DIAS, MELO & JUNIOR, 2007).

Como podemos identificar, existem aspectos claros associados às transformações históricas e inserção social das práticas corporais de aventura. De início, seguindo a reflexão dos autores, existiu um momento de exaustão subjetiva da população, causado pelo crescimento urbano, no contexto da modernidade novecentista, que levou ao surgimento de iniciativas, individuais e governamentais, de direcionamento das atividades de lazer para os meios naturais. Como desdobramento dessa movimentação cultural, tivemos o início da institucionalização de diversas atividades associadas à natureza, como as associações de montanhismo, por exemplo.

Nessa direção, na trajetória acadêmica do século XX, avançaram os estudos sobre a cultura corporal e o reconhecimento do lazer como forma de expressão necessária ao bem estar e fortalecimento da cidadania. As pessoas, no cotidiano do século XX, desenvolveram diversas formas de reelaborar suas modalidades de práticas

corporais de aventura. Embora tal procura tenha origem na relação cidade/campo, marcadamente no deslocamento de praticantes urbanos para regiões de natureza preservada, não podemos considerar que os impactos oriundos dessa movimentação estejam centrados, atualmente, apenas nessa relação bilateral (FALCÃO; SARAIVA, 2009).

Ao pontuarmos essas questões referentes às formas de ocupação do espaço, não podemos nos esquivar de outros elementos de análise que são significativos para a abordagem a que nos propusemos. Os padrões de comportamento, inerentes às práticas corporais que ocorrem em ambientes naturais, se associam a fatores subjetivos que sugerem a existência de contradições indicativas do desgaste provocado pelos valores da sociedade de consumo.

### **Práticas Corporais de Aventura: Delimitando o Objeto de Investigação**

As pesquisas no campo da Educação Física têm ampliado suas formas de constituir abordagens sobre as temáticas corpo e sociedade. Para tanto, propõe-se o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a Filosofia, a Sociologia, a História, a Economia e a Antropologia (COLETIVO DE AUTORES, 1992; DAÓLIO, 1994). Pesquisas interdisciplinares tem propiciado a elaboração de metodologias bastante articuladas entre ação e reflexão. Corroboramos que esse diálogo entre distintas bases epistemológicas, desde que estabelecido de forma coerente, pode oferecer um bom modelo de observação e estudo.

No caso da Educação Física, a correlação entre as ações de prática corporal e a teoria se coloca enquanto um desafio cotidiano aos profissionais da área. Em nossa experiência com a práxis escolar, por exemplo, não identificamos outra disciplina cuja

proposta tenha relação tão direta e cotidiana entre atividades práticas e atividades teóricas. Dentre as disciplinas escolares, salvo algumas exceções, a aula de Educação Física constitui o espaço de interação mais sólido entre a cultura e a construção de identidade corporal. Afinal, a inserção dessa disciplina no currículo escolar se relaciona diretamente a esta situação, embora os sentidos dessa função possam ser passíveis de questionamentos. Isto traduz as contradições existentes - ou não, entre as concepções de corpo e saúde que constituem os modelos hegemônicos e os modelos de ressignificação da cultura corporal.

A exemplo do que ocorre no ambiente escolar, as práticas corporais de aventura foram se constituindo por meio de diversas modalidades e concepções variadas (PIMENTEL, 2013). Em nossa etapa de investigação, identificamos perfis de comportamento ponderáveis se intuimos que a opção pela atividade na natureza resulta de uma mudança de significado relativo aos efeitos da urbanização e do consumo. A opção pela prática corporal na natureza, muitas vezes, está associada a um padrão de comportamento gerenciado por grupos de comerciantes e agentes de turismo. Dessa forma, expectativas com relação a uma postura de sustentabilidade e de defesa do meio ambiente, não podem ser - necessariamente, identificadas em todas as situações que encontramos. Não se trata de uma lógica com associação direta! Adiante, aprofundaremos nossa análise sobre os padrões de comportamento fundamentados nos dados que levantamos.

A partir dessa premissa, consideramos que o diálogo entre a Educação Física e as pesquisas sobre antropologia do corpo podem nos fornecer um bom caminho de investigação. Nossa cultura corporal é resultante de processos históricos, intensos e contínuos, que estão repletos de contradições em seu curso (INÁCIO; MORAES;

SILVEIRA, 2013). Nesta proposta, partimos das seguintes questões: o que podemos refletir sobre a consciência ambiental dos praticantes de atividades corporais de aventura em Pirenópolis (GO)? Existe a possibilidade de encontrarmos apenas um padrão de comportamento e consciência dentro desse recorte? São perguntas que fizeram parte de nosso percurso de investigação.

Durante a pesquisa de campo, fomos instigados em aprofundar nossa análise sobre o contexto cultural que constitui as práticas corporais de aventura. Embora tais aspectos estejam diretamente associados ao meio ambiente, a consciência dos praticantes – em termos individuais e coletivos – se mantém ligada aos padrões de comportamento da sociedade de consumo. Esse argumento demonstra o porquê de construirmos nossa análise com base nos conceitos de comportamento, consciência e cultura corporal (INÁCIO, 2006). O diálogo com a antropologia demonstra que as práticas corporais, assim como opera a cultura, são reflexos de processos dinâmicos (HALL, 1997). De acordo com Hall (1997):

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p.15).

As práticas corporais, a partir do que nos pontua HALL (1997), devem ser compreendidas enquanto um comportamento que produz significados e estão inseridos na formação de um sistema de códigos que nos coloca em situação de interação social. Tomados em conjunto, constituem nossas culturas (HALL, 1997, p.16). Ao compreendermos os seres humanos como “interpretativos”, nosso suporte conceitual

nos auxilia a perceber a relação entre a consciência e o comportamento. Não existe uma relação direta entre ambos. No entanto, a consciência ‘ecológica’ é produtora de significados no contexto das práticas corporais na medida em que sinaliza para as concepções de mundo dos indivíduos, que por sua vez, as adquiriram ao longo da vida e pela experiência cultural.

HALL (1997) analisa outro fator elucidativo ao abordarmos a questão da cultura: o processo de globalização. Segundo o autor, no século XX ocorreu uma *revolução cultural* no sentido subjetivo e objetivo desta palavra, e tal fenômeno ainda está em curso. A indústria cultural passou a ocupar espaço central nos processos de mediação que envolve a produção, circulação e as trocas culturais. A esse fato, soma-se o poder e a velocidade com que os meios de tecnologia vêm operando a cena social em todas as regiões do mundo. Para HALL (1997, p.16),

Estes são os novos *sistemas nervosos* que enredam numa teia sociedades com histórias distintas, diferentes modos de vida, em estágios diversos de desenvolvimento e situadas em diferentes fusos horários. É, especialmente, aqui, que as revoluções da cultura a nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro — sobre a cultura num sentido mais local.

Essa não é apenas uma situação em que devemos sumariamente atribuir à indústria cultural e seus mecanismos de atuação todos os percalços relacionados à interferência do consumismo na formação da cultura atual. Por outro lado, é essencial estabelecermos a mediação entre os processos culturais hegemônicos e os espaços sociais geradores da diversidade cultural, uma vez que, como nos alerta HALL (1997), o fenômeno da globalização opera no sentido de dirimi-la. Dessa forma, nossa pesquisa procura refletir criticamente sobre esse fenômeno a partir de um estudo de caso que conta com um recorte no interior de Goiás.

Embora tenhamos encontrado elementos contraditórios entre o comportamento e a consciência dos aventureiros, não se pode desprezar que existe uma abertura que aproxima, nesse caso, o meio natural e os praticantes dessas atividades. Ao concordamos que a cultura é dinâmica, assumimos o compromisso de compreendê-la em seus aspectos de resistência e ressignificação (INÁCIO; SILVA; PERETI & LIESENFELD, 2005).

De acordo com Daólio (1994), é preciso refletir sobre o corpo enquanto um objeto repleto de significados e concepções sociais. E tal reflexão não se limita aos aspectos imediatos, mas deve-se buscar compreensão a respeito da capacidade de agir corporalmente diante de interlocução entre o comportamento humano e as transformações sociais. Geertz (1989), no mesmo sentido, se refere ao papel interpretativo do pesquisador em relação aos dados, ao qual denomina de “descrição densa”. Afirma, ainda com o autor, que qualquer análise cultural será sempre uma leitura sobre o real, de primeira mão, já que é uma reconstrução da realidade em si. Portanto, o olhar para o outro é, em alguma medida, o olhar para si mesmo através do outro.

Nesse sentido, as práticas corporais de aventura possuem o significado em si, dentro de seu contexto crítico, e outro significado além de si, posto que seu conteúdo crítico seja, também, parte de padrões apropriados da cultura de consumo. Essa relação conflitante corresponde às circunstâncias de transformação que operam na consciência e nas atitudes que investigamos. Entretanto, essa mesma situação contraditória atribui sentidos às alternâncias entre os tipos de comportamento identificados.

Nossa formação cultural se relaciona aos nossos hábitos e comportamentos corporais. Daólio (1994) dialoga com diversos autores que abordam esses aspectos da

cultura corporal e nos dão embasamento para defendermos tal perspectiva. Em linhas gerais, o pensamento do autor nos leva a entrar no debate entre o corpo biológico e corpo cultural. Segundo afirma, existe uma tendência entre alguns pesquisadores da Educação Física em considerar o corpo essencialmente biológico, como se o universo cultural no qual ele (o corpo) está inserido tivesse uma importância menor. Entretanto, defende o autor, a natureza humana não está restrita aos fatores biológicos. Ela possui influência histórica das transformações culturais. Ambos ocorrem de maneira simultânea.

Ao trazermos essa reflexão para a temática que apresentamos nesta pesquisa, concordamos com as assertivas dos autores que dialogamos. Muitos comportamentos identificados possuem relação direta com referências culturais anteriores, vivenciadas em outras realidades. Tais experiências corporais, e existenciais, não estão circunscritas à condição na qual aplicamos o questionário. A sensação de bem estar provocada pela prática de atividades corporais na natureza são subjetivas, e não podem ser direcionadas meramente aos seus aspectos biológicos. Como vimos afirmando, trata-se de experiências amplas e sensíveis (SILVA; DAMIANI, 2005).

Uma criança aprende a jogar bola porque em algum momento de sua vida lhe deram uma bola para chutar. Posteriormente, se essa mesma criança passa a ouvir música, certamente irá gostar de música e talvez aprender a tocar um instrumento. A imagem da criança é significativa nesse contexto que procuramos demonstrar. As condições culturais influenciam os hábitos e a imagem que fazemos do corpo, bem como a maneira como nos relacionamos com o mundo.

Assim, no próximo item aprofundaremos nossa análise sobre a relação entre consciência e comportamento. Esses conceitos traduzem parte das contradições

inerentes às práticas corporais de aventura e seu respectivo contexto de elaboração cultural. Compreender o processo dinâmico que opera na aproximação entre atividade física e experiência de mundo significa que avançamos no sentido de elucidar o papel da Educação Física na construção de uma postura crítica em relação à massificação da cultura corporal.

### **Consciência Ambiental e Comportamento: Possibilidades de Diálogo com o Campo da Educação Física**

Pensar a relação entre consciência ambiental e o campo de Educação Física, de imediato, já nos coloca numa perspectiva de interdisciplinaridade. Consciência ambiental, tema provavelmente mais comum em áreas como a Biologia, Sociologia, e Geografia, se apresenta enquanto um eixo de possibilidades para pensarmos a cultura corporal, objeto da Educação Física.

Acreditamos, porém, que esta temática é fundamental para a formação do professor de Educação Física. A idade escolar é um período de formação de comportamentos e do desenvolvimento da consciência de mundo. Nesse sentido, ao discutirmos aspectos relacionados ao lazer e à prática de atividades físicas em meio a natureza, abordamos questões essenciais para a vida coletiva e para a formação cidadã. Aqui, procuraremos demonstrar nossa percepção sobre como o estudo comportamental pode nos oferecer subsídios de análise para refletirmos as teias de relação entre cultura, práticas corporais e sociedade. Além disso, com a finalidade de aprofundarmos esta problemática, apresentaremos os dados que levantamos em nossa pesquisa de campo realizada no município de Pirenópolis-GO.

## **Consciência ambiental, comportamento e práticas corporais de aventura: uma abordagem necessária**

Como ponto de partida, necessitamos delimitar a presente análise em seu contexto específico. O termo consciência ambiental, embora possamos considerar que tal concepção não é restrita ao período do modo de produção capitalista (Sec. XVII-atual), passa por uma conceituação diferenciada na atualidade (DIAS, MELO & JUNIOR, 2007). Isso porque a sociedade contemporânea vivencia uma experiência coletiva bastante distinta: a sensação de que a ação humana é central na produção de impactos negativos para a sustentabilidade do planeta.

Nesse sentido, a consciência de que a humanidade precisa adotar atitudes e conceitos diferenciados em relação ao seu comportamento, define que a própria consciência ambiental significa que a sociedade deve se colocar em movimento em prol do bem estar coletivo e do meio ambiente. Ora, trata-se de uma postura de mundo correlata aos pressupostos que norteiam a práxis da Educação Física. Afinal, estudamos a cultura corporal com a finalidade de pensarmos, criticamente, formas de intervenções capazes de promover o bem estar individual e/ou coletivo. Sendo assim, nossa pesquisa demonstrou que os perfis de comportamento dos praticantes de atividades corporais de aventura se referem às construções, e desconstruções, dos padrões de cultura da sociedade capitalista.

Quando uma pessoa opta em realizar práticas corporais de maneira integrada à natureza, em verdade, ela realiza dois movimentos que destacamos: 1. preocupação com seu bem estar físico, relacionado às condições de saúde; 2. distanciamento dos elementos urbanos e aproximação do meio ambiente. Esses dois movimentos demonstram que o padrão de comportamento que abordamos sugere, à primeira vista,

uma perspectiva crítica em relação à cultura de consumo promovida pela sociedade capitalista. Entretanto, embora este movimento de ‘retorno’ ao meio natural possa sugerir certo grau de estafa comportamental oriunda de um modo de vida excessivamente urbano/industrial, julgamos necessário ponderar sobre o papel crítico da consciência (INÁCIO; BAENA-EXTREMERA, 2013).

De fato, as práticas corporais de aventura reúnem elementos contra hegemônicos quando a associamos com outras práticas corporais, tais como o *fitness* ou esportes de alto rendimento, por exemplo. Por outro lado, consideramos que a manifestação de um padrão de consciência ambiental legítimo, e devidamente identificado com a ideia de sustentabilidade, será, necessariamente, crítico à cultura de consumo e ao modo de produção capitalista. Constitui-se, desse modo, um espaço propício ao desenvolvimento de comportamentos ambíguos, passíveis de problematizações e investigações científicas.

Nesse caso, nosso objeto de pesquisa nos permitiu compreender em que medida determinados discursos estão sendo apenas apropriados pela cultura de consumo, e, ainda, em que medida as práticas corporais de aventura representam um comportamento crítico em relação aos valores culturais hegemônicos. Acreditamos, portanto, que as concepções de corpo e bem estar se alinham à consciência que cada pessoa tem de si, que por sua vez não está desconectada dos valores culturais compartilhados socialmente (INÁCIO; BAENA-EXTREMERA, 2013).

A concepção de corpo e bem estar nas sociedades ocidentais está relacionada com a cultura que se desenvolveu no mundo nos últimos séculos, ou seja, com valores de consumo e as dinâmicas da tecnocracia. As pessoas aprenderam a se relacionar com o corpo da mesma maneira que se relacionam com outras atividades sociais: pela

estética da mercadoria. Com o incremento da tecnologia, as linhas que separavam as práticas corporais das prateleiras do supermercado foram, aos poucos, sendo rompidas. Em suma, a estética do corpo se transfigurou num objeto de consumo em potencial.

A cultura capitalista, ao longo de seu processo de formação, solidificou o individualismo e levou ao extremo a ascensão pela meritocracia. Podemos observar isso destacando seus elementos básicos de coalizão social: ascensão através do esforço próprio, defesa da propriedade privada e defesa do individual por parte do Estado. Nessa lógica de sociedade, o corpo torna-se um mecanismo de vitrine do indivíduo. Valorizar o próprio corpo é sinônimo de bem estar e de promoção social. Por outro lado, o Estado passa a incentivar e a defender tais valores, pois as instituições se configuram enquanto um braço de desenvolvimento da economia e de sua cultura. As políticas públicas, as propagandas e os diversos tipos de controle social, ao longo dos últimos séculos, passam a incentivar e a cobrar determinada postura corporal das pessoas.

Porém, o desenvolvimento da cultura de consumo atingiu um alto grau de inserção social. Tal situação externou a crítica aos exageros e deturpações das próprias concepções de saúde e bem estar. Após a década de 1980, com o boom das academias e do *fitness*, as consequências sociais desse tipo de atitude corporal tornaram-se evidentes demais para serem desprezadas. O corpo tornou-se um objeto de consumo valorizado e explorado enquanto mercado, com desdobramentos impactantes. E não precisamos citar apenas o percurso das atividades físicas, dos esportes de alto rendimento e das academias, mas bem como as concepções de saúde pública e a medicina institucionalizada.

A indústria farmacológica representa uma das maiores indústrias no mundo, e uma das mais lucrativas. Não é segredo que boa parte dessa produção não atende às

necessidades de saúde da população. Atende, antes de tudo, aos interesses de políticas estatais corruptas e a interesses de laboratórios e indústrias farmacêuticas. O mercado do corpo está em alta. São inúmeros programas de condicionamento corporal à venda, juntamente com produtos para emagrecimento, suplementos alimentares, aparelhos de ginástica, cirurgias plásticas, dentre outras coisas. Além dos produtos, existem propagandas em todos os meios de comunicação que alimentam um modelo ideal de corpo malhado, jovial e condicionado.

Diante dessa realidade que destacamos, as práticas corporais de aventura constituem uma abordagem necessária, tendo em vista o potencial transformador que possuem. Além de favorecerem as políticas de saúde preventiva, inevitavelmente, sua aproximação com o meio natural provoca o debate acerca da sustentabilidade e da ocupação do solo.

### **Análise das Práticas Corporais de Aventura na Cidade de Pirenópolis (GO)**

Tombada como conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1989, Pirenópolis conta com diversos casarões, uns preservados, outros restaurados, além de uma exuberante natureza que a circunda. O período de sua fundação, em 1727, está associado ao movimento de busca por minerais preciosos, como o ouro e a prata, e de expansão das fronteiras da colonização, no final do século XVII e início do século XVIII.

De acordo com a metodologia aplicada pela Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás o município está localizado na Região Entorno do Distrito Federal, cerca de 120 Km de Goiânia, 71 Km de Anápolis e 150 Km de Brasília. Possui uma área de 2.228 km<sup>2</sup>, altitude média de 700 metros e população estimada de 24.111

habitantes (IBGE: 2013). Possui clima semiúmido e temperatura média anual na casa dos 21°C, com máxima média anual de 35°C e mínima de 9°C.

A presença de inúmeras cachoeiras, trilhas, morros e matas, atrai anualmente milhares de turistas e praticantes de atividades de aventura. Dentre as áreas de natureza com maior relevância do município, podemos citar o Parque Estadual da Serra dos Pireneus e as regiões das nascentes que compõe a Bacia Hidrográfica Tocantins-Araguaia.

Além do turismo, as áreas naturais de Pirenópolis concentram outras duas atividades econômicas: a exploração mineral do quartzito e a agropecuária. Apesar do crescimento do setor de serviços associado ao turismo, ele ainda está atrás daqueles em termos de arrecadação de ICMS.

Esse é um dado importante para compreendermos o panorama político no qual estamos trabalhando, uma vez que a apropriação que o setor de serviços faz dos ambientes naturais está diametralmente oposta às outras atividades econômicas do município. Tais aspectos contraditórios foram facilmente identificados durante as buscas que realizamos nesta pesquisa e estão presentes nas observações dos questionários que aplicamos.

Em geral, os participantes da pesquisa apontam insatisfações com as áreas devastadas pela mineração ou pelo avanço das pastagens e plantios de eucalipto. Isso indica um grau de preocupação com a natureza e consciência ambiental a que nos propusemos investigar. Apesar disso, não aprofundamos nossa investigação de modo que pudéssemos estabelecer uma análise transversal em torno da sustentabilidade e estruturação econômico-social do município.

Procuramos nos ater à relação de comportamento e consciência durante as atividades na natureza. Nosso questionário, portanto, traçou o perfil desses praticantes de aventura que frequentam Pirenópolis em busca de bem estar por meio exercícios em meio à natureza.

Ao todo, aplicamos 34 questionários entre os meses de setembro a novembro de 2014, cujos respondentes apresentam o seguinte perfil:

**Tabela 1: Faixa etária e quantitativos dos grupos da pesquisa**

1. Faixas Etárias (anos)	18 a 22	23 a 27	28 a 33	34 a 39	Acima de 39
Quantidade	4	4	10	15	1
2. Gênero	masculino			Feminino	
Quantidade	20			14	
3. Quantitativo dos grupos	Individual	Até 3 pessoas	De 4 a 7 pessoas	Acima de 7 pessoas	
	10	20	4	0	

Notamos que com relação à faixa etária dos aventureiros, existem duas preponderantes: a primeira varia dos 28 aos 33 anos, seguida pela maioria concentrada na faixa dos 34 a 39 anos. Há certo equilíbrio de gênero. Por mais que tenhamos apontado aqui a maioria masculina, dentre os grupos não avaliados, a lógica desse equilíbrio pôde ser visualmente constatada. Quanto ao quantitativo dos grupos, identificamos que há prevalência pela prática individual até grupos pequenos, com três pessoas no máximo.

Ao contrastarmos as informações acima com a nossa experiência de observadores durante a realização dessa pesquisa, intuímos que o perfil desses aventureiros é marcado por jovens adultos, num período de inserção e/ou maturação no mercado de trabalho ou em início de atividades empreendedoras. O número de pessoas por grupo (quantitativo), bem como a movimentação pelas ruas da cidade, indica que, em geral, obedecem ao próprio limite de capacidade dos carros. Embora tenha crescido na região o deslocamento terceirizado, que ocorre por meio da contratação de vans especializadas nesse tipo de serviço.

Por outro lado, não encontramos nenhuma declaração de que a formação de pequenos grupos poderia estar relacionada à minimização de impactos ambientais por conta da formação de grupos maiores, certamente mais barulhentos e sujeitos a maior incidência de alargamento de trilhas.

Outro fator que procuramos identificar se relaciona aos padrões de consumo dos aventureiros. Nesse ponto há um equilíbrio entre aqueles que consomem maior número de produtos em menor tempo e aqueles que trocam seus equipamentos com menor frequência. Quando perguntados sobre a frequência com que trocam equipamentos eletrônicos e celulares, 59% dos entrevistados responderam que fazem isso anualmente. Os demais, com menor frequência ou quase nunca. Apesar disso, dentre aqueles que trocam os eletrônicos com frequência, a maior parte deles se preocupa em doar os equipamentos antigos e apenas uma pessoa declarou que joga fora com frequência.

Com relação ao grau de participação cidadã dos praticantes, elaboramos um conjunto de questões relacionados a conhecimentos sobre legislação, órgãos ambientais e participação em movimentos pró meio ambiente.

Nesse quesito, verificamos o distanciamento destas pessoas dos processos políticos e da participação democrática. Cerca de 70% dos entrevistados declararam desconhecer a legislação ambiental, bem como a ação dos órgãos ambientais em suas cidades de origem ou em Pirenópolis. Do total, 90% declaram não participar, ou nunca terem participado de qualquer movimento ou associação que luta pela preservação do meio ambiente. Essa avaliação somente se equilibra quando perguntamos sobre o conhecimento de algum projeto relacionado ao meio ambiente: 60% declararam já terem visto ou presenciado alguma atividade social nesse sentido.

Ainda sobre a participação política e busca por conhecimento sobre esta temática, 60% declararam nunca ler artigos, livros ou revistas. Dos que possuem hábito de leitura, grande parte opta por revistas de humor, quadrinhos e de informações gerais. Apenas 3 pessoas declararam preferir a leitura de livros científicos, romances ou outras formas de leitura mais elaboradas.

Buscamos ainda observar a participação dos entrevistados em outras formas de mobilização social, tais como associações estudantis, sindicatos, partido político, associação de moradores e grupos religiosos. Excetuando-se a participação em grupos religiosos, que atingiu 20% dos entrevistados, os outros 80% afirmaram não se inserir em nenhuma forma de mobilização social e/ou atuação política.

Com estes dados, observamos que a opção pelas práticas corporais de aventura não se fundamenta numa postura consciente e atuante politicamente na sociedade. Por mais que tenhamos identificado certo grau de preocupação com relação a temas gerais na sociedade, tais como consumo exagerado, preocupação com temáticas relativas à violência, meio ambiente e discriminação racial, isso não se reverte em atuação política e democrática em termos de protagonismo social.

Esses indicadores de despolitização entre os praticantes de atividades de aventura nos levam a inferir que a opção pelo meio natural está muito mais associada a um padrão de comportamento do que a uma postura consciente de mundo. De certa forma, podemos identificar uma tendência a um determinado tipo de modismo e modalidade de consumo diferenciada, de menor apelo consumista, mas situada na mesma lógica mercadológica vigente.

Embora as categorias comportamento e consciência não sejam alto-excludentes, nesta pesquisa identificamos padrões de escolhas e opções de lazer que operam em sentidos quase sempre contraditórios, caso partamos do pressuposto de que a luta em prol do meio ambiente seja uma atividade reivindicatória/emancipatória inerente à opção pela natureza como forma de expressão do lazer. Contudo, neste estudo não foi possível concordar com tal afirmativa. Ao contrário, os padrões de comportamento observados refletem níveis de consciência política evasivos no que tange a participação democrática.

Por mais que estes praticantes de atividades de aventura possam ser identificados como ‘simpáticos’ às questões do meio ambiente, poucos declararam estar dispostos a fazer sacrifícios pelo mesmo, seja por meio de doações, dedicação do tempo livre a algum tipo de participação, pela troca do transporte individual pelo transporte público ou adoção da bicicleta enquanto principal forma de deslocamento.

Quando dizemos que são ‘simpáticos’ à preservação da natureza, o fazemos porque 60% deles apontaram ter muita preocupação com questões como não deixar lixo na natureza, não causar danos pelos caminhos onde passam, não retirar ou destruir plantas e ninhos e recolher o lixo deixado pelos outros. Além disso, 70% declararam ter grande responsabilidade quanto ao consumo de água e energia, em utilizar produtos

recicláveis, consumir produtos orgânicos e em evitar produtos que causam grandes níveis de poluição ambiental.

Tal como vimos apontando nesta pesquisa, este tipo de comportamento pró meio ambiente não se conecta, necessariamente, a uma atitude crítica e consciente quanto aos elementos de degradação da natureza. De certa forma, ao considerarmos a pesquisa que aplicamos de maneira associada aos elementos que aprimoramos mediante observação direta dos espaços de lazer de Pirenópolis, identificamos comportamentos que sugerem a falta de consciência crítica em relação aos espaços naturais.

Apesar disso, ao dialogarmos com algumas assertivas que apresentamos no item anterior, estas contradições que identificamos não estão completamente destoantes da própria história das práticas corporais de aventura. Afirmamos, anteriormente, que a busca por atividades na natureza foi engendrada pelo esgotamento dos espaços de lazer durante a formação e expansão dos grandes centros urbanos no início da era industrial. Como resposta à urbanização, centenas de pessoas passaram a buscar lugares e experiências em meio à natureza como alternativa à situação sufocante das cidades.<sup>3</sup> Dessa forma, as práticas corporais de aventura não podem ser consideradas um movimento de oposição ao modo de vida consumista, apesar de ser possível identificarmos certos graus de perspectivas de comportamento diferenciadas em relação a um contingente populacional que ignora quaisquer tipos de debate sobre o meio ambiente.

Muito mais distantes, existem modelos de comportamento que estão associados ao *status quo* do consumo: o mercado determina as opções. Em certas atividades de

---

<sup>3</sup> Ainda que, sabe-se, este movimento é um movimento com muitas dinâmicas intrínsecas, dialéticas, ou seja, que, há um mesmo tempo em que responde uma necessidade de ‘fuga’ do urbano, atende também as criações mercadológicas de consumo de bens e serviços ‘ecoturísticos’.

lazer, o valor de mercadoria efêmera é extremamente preocupante. Neste universo, o corpo representa um meio potencial de consumo que serve como plataforma de possibilidades e transformação ilimitada. Nesse tipo de lógica, a saúde assume papel coadjuvante. A estética do consumo e do alto rendimento assumem as diretrizes do comportamento em questão.

O crescimento das práticas corporais da aventura sinaliza, portanto, para a perspectiva de que esta mentalidade que ora criticamos pode entrar em pleno declínio, mesmo considerando os limites que apontamos. As atitudes, quanto ao meio ambiente, vêm se alterando positivamente. Sabemos, por exemplo, que atualmente não se pode licenciar uma área ambiental para a construção de qualquer iniciativa sem a consideração de alguns fatores sociais e os impactos disso para a sociedade local.

Essas mudanças de mentalidade e consciência ambiental partem de uma emergência da vida e que fazem parte, inclusive, das preocupações do próprio sistema social. Nesse sentido, acreditamos que seja necessário colocarmos as dicotomias em conflito para trilharmos os caminhos das possibilidades da emancipação social. Apesar de contraditórios, os espaços de lazer em meio à natureza podem representar um movimento crítico em relação ao consumismo e uma abertura a um modo de vida sustentável e solidário. Ou seja, de comportamento consciente!

### **Considerações Finais**

A história dos corpos está relacionada com a cultura que se desenvolveu no mundo nos últimos séculos, considerando-se as transformações de comportamento e consciência que operaram em cada época. Nesses termos, a formação da sociedade capitalista gerou suas especificidades. As pessoas aprenderam a se relacionar com o

corpo da mesma maneira que aprenderam a se relacionar com a economia: buscando o ideal de consumo e a estética da mercadoria (SILVA, 1996). Essa relação com o corpo se configurou numa identificação deste com outros valores próprios dessa cultura: efemeridade, esvaziamento de sentido, perda da singularidade, rendimento, inversão de valores, dentre outros.

O período capitalista, portanto, solidificou o individualismo e o culto à pessoaalidade enquanto elemento de essência da sua cultura. Soma-se a isso a não valorização dos aspectos locais e das diferenças e necessidades regionais. É preciso que entendamos esses aspectos que envolvem a cultura corporal. Incentivar tais valores promove um modelo de sociedade que se encontra em necessidade de intervenção e superação.

As políticas públicas, as propagandas e os diversos tipos de controle social, ao longo dos últimos séculos, alimentaram essa realidade e passaram a cobrar determinada postura corporal das pessoas. Como exemplo disso, podemos citar as políticas higienistas do final do século XIX e início do século XX. Entretanto, o desenvolvimento desse modelo cultural encontrou seus limites no próprio esgotamento de suas forças produtivas. Atualmente, o paradigma da racionalidade técnico-científica que ergueu a modernidade, encontra-se questionado devido à sua impossibilidade de oferecer respostas às questões colocadas por movimentos como os direitos humanos, ambientais e igualitários. Apesar de a humanidade ter alcançado altos graus de desenvolvimento tecnológico, o impacto socioambiental fez com que as sociedades refletissem sobre os rumos adotados pelo modelo desenvolvimentista/capitalista.

No campo da Educação Física, a reflexão passou pela mesma crítica com relação às posturas que a sociedade vinha assumindo no trato com o corpo e com a saúde. São

inúmeros programas de condicionamento corporal à venda, juntamente com produtos para emagrecimento, suplementos alimentares, aparelhos de ginástica, cirurgias plásticas, dentre outras coisas.

Além dos produtos, existem propagandas em todos os meios de comunicação que alimentam um modelo ideal de corpo malhado, jovial e condicionado. Diante de tantos bombardeios, a população, a quem se dirige a informação, fica à mercê de suas condições de reação e consciência sobre esse processo.

Desde sua origem, as práticas corporais de aventura representaram uma faceta dessa sociedade que já anunciava a necessidade do ser humano frequentar espaços diferenciados para a manutenção do seu bem estar: a excessiva urbanização não pode oferecer tudo o que precisamos. Sendo assim, a busca por espaços no meio natural identifica esta busca por atividades de lazer que possam promover interação e atitudes saudáveis.

Partindo do recorte que estipulamos, a cidade de Pirenópolis representa um lugar de canalização das ausências de espaços naturais em cidades como Goiânia, Anápolis e Brasília. Ela tem absorvido esse impacto de maneira pouco planejada. Abrem-se espaços para o turismo, mas despreza-se uma política de compensação do mesmo. Intuímos que tal política, inclusive, deveria ser pensada em acordo com toda a região, uma vez que o trânsito entre as pessoas é intenso nesse local.

De acordo com o perfil que traçamos em nossa investigação, foi possível identificar a lacuna deixada pela ausência de atitudes mais perenes, por mais que as pessoas sejam simpáticas a um padrão de comportamento de responsabilidade com o meio ambiente. A participação política, que pode ser considerada essencial ao desenvolvimento da consciência ambiental, fica à margem das ações cotidianas.

Por fim, cabe considerar, a abordagem que apresentamos ainda é restrita para aprofundarmos esta temática. O que ora apontamos, carece de uma metodologia investigativa com foco profundo na observação dos sujeitos em questão – talvez a etnometodologia seja uma alternativa.

Esperamos, tão somente, que este estudo contribua para a elaboração de um plano de trabalho que possa oferecer uma análise mais ampliada sobre a relação entre as práticas corporais de aventura e as dinâmicas de transformação da cultura corporal.

### REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Editora Papirus, 1994.

DIAS, C. A. G.; MELO, V. A.; JUNIOR, E. D. A. Os estudos dos esportes na natureza: desafios teóricos e conceituais. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.7, n.3, p. 358–367, 2007.

FALCÃO, J. L. C.; SARAIVA, M. do C. (Org.). **Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo: (In) Tensas Experiências**. Florianópolis: COPIART, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n.2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

IBGE. Pirenópolis. Disponível

em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=521730>. Acesso em: nov. 2013.

INÁCIO, H. L. D. Práticas Corporais de Aventura na Natureza. IN: GONZÁLEZ, F.J. FENSTERSEIFER, P. (Org.). **Dicionário Crítico da Educação Física**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijuí. 2014, pg. 531-535.

\_\_\_\_\_.; BAENA-EXTREMERA, A. Relação entre consciência e comportamento ambientais em práticas de lazer na natureza. In: **CONBRACE**, 18, Brasília. **Anais...** 2013.

INÁCIO, H. L. D.; MORAES, T. M.; SILVEIRA, A. B. de. Educação Física e Educação Ambiental: refletindo sobre a formação e atuação docente. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 11, n. 4, out./dez. 2013, p. 01-23.

\_\_\_\_\_. Lazer, Educação e Meio Ambiente: uma aventura em construção. IN: **Pensar a Prática**, v. 9, n.1, jan./jun., 2006, p. 45-63.

\_\_\_\_\_.; SILVA, A. P. S. da; PERETI, É. S.; LIESENFELD, P. A. Bastidores das práticas de aventura na natureza In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas Corporais Experiências em Educação Física para uma formação humana**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005, p.69-87.

LEÓNTIEV, A. O homem e sua cultura. In: LEÓNTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte universitário, 1978. p.261-284.

PIMENTEL, G. G. de A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, jul./set. 2013, p. 687-700.

SILVA, Ana M.; LAZZAROTTI FILHO, Ari ; ANTUNES, PRISCILLA C. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2014, v. 01, p. 523-526.

\_\_\_\_\_. Das práticas corporais ou porque “narciso” se exercita. **Revista brasileira de ciências do esporte**, n.17, 1996, p.244-251.

\_\_\_\_\_.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas Corporais Experiências em Educação Física para uma formação humana**. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

### **Endereço dos Autores:**

Humberto Luís de Deus Inácio  
Rua 01, chácara 08, casa 01  
Setor de Chácaras Samambaia  
Goiânia – GO – 74.691-310  
Endereço Eletrônico: betoinacio@gmail.com

Vinicius Duarte Ferreira  
Rua 01, chácara 08, casa 02  
Setor de Chácaras Samambaia  
Goiânia – GO – 74.691-310  
Endereço Eletrônico: duarte.ufg@gmail.com